

9. Do encontro à adoração

"Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram" (Mt 2, 11a).

Acostumados a pensar nos Magos como as estatuetas de nossos presépios, pensamos nessa cena como se fosse já conhecida, como se entre o entrar e ver e o prostrar-se e adorar não houvesse um salto dramático na liberdade, na consciência, no coração desses homens.

Que diferença há entre o drama vivido pelos Magos e aquele vivido pelo jovem rico? Ao nível da liberdade, ao nível do coração, do impacto com a presença de Cristo, com a pobreza de Cristo, com o escândalo de uma presença divina rebaixada à mais simples modalidade do ser homem, ao nível de tudo isto entre os Magos e o jovem não há nenhuma diferença. Assim como não há diferença entre os Magos e os pastores de Belém, entre os Magos e o velho Simeão, entre os Magos e o Batista, entre os Magos e os apóstolos, entre os Magos e Zaqueu, ou a Samaritana, ou Nicodemos etc.

É claro que, no episódio dos Magos, tudo está concentrado em meio versículo: "Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram". Mas isso nos ajuda a entender melhor, expondo sinteticamente, o que aconteceu, positiva e negativamente, até para o jovem rico, ou para Nicodemos, a Samaritana etc. Para cada um deles, o encontro com Jesus é o impacto com a oferta do que pode dar realização à busca consciente ou inconsciente de toda a vida; e para cada um trata-se de escolher, de decidir. O que? Trata-se de *decidir a passagem do encontro à adoração*. Trata-se de decidir a passagem da experiência de uma presença que, de uma forma ou de outra, nos surpreende, nos atrai, mas também nos contradiz em sua forma não prevista por nós – como aquela de um pobre Menino, ou de um homem adulto que vive pobre, sem bens e sem poder, como um servo, que muitos desprezam a ponto de querer eliminá-lo –, trata-se de decidir a passagem da experiência desta presença ao reconhecimento de que precisamente esta presença é a coisa mais preciosa que existe para mim, para todos; a presença mais adorável que se possa encontrar. E este reconhecimento adorador exprime-se de modo que confia toda a vida a esta Presença, que se prostra em oferta, na entrega de todo o seu ser a Ele.

A prostração adorante dos Magos significa que eles reconhecem tão realmente o valor absoluto deste Menino que deixam que toda a sua pessoa seja como que absorvida por esse valor absoluto, seja completamente tomada por esse tesouro, dentro do âmbito aparentemente insignificante e restrito desse tesouro que, na realidade, é Aquele que tem na mão o universo e no qual tudo consiste.

O episódio do jovem rico nos ajuda a entender tudo isso de forma negativa. O jovem rico entra como os Magos lá onde Jesus se encontra, e parece já ter decidido aquilo que os Magos expressaram, porque começa com a prostração: "veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante dele...". Mas é uma prostração ainda formal, que reconhece em Jesus o Rabi que pode dar uma resposta competente à sua pergunta sobre o sentido da vida, mas não reconhece que Jesus é em pessoa a *Resposta* para essa pergunta. Ele age como se os Magos, depois da longa viagem, tivessem a pretensão de receber de Jesus um oráculo sobre estrelas em vez de reconhecer que Jesus era em pessoa tudo aquilo que eles buscavam. Por isso, quando Jesus, reconhecendo a busca sincera do coração deste jovem, se lhe oferece por aquilo que é – o Sentido completo da vida pelo qual vale a pena deixar tudo –, o jovem não se prostra mais em adoração como os Magos, porque isso significaria

entregar a Jesus toda a sua vida, tudo aquilo que é e tudo aquilo que tem. Então, ele vai embora. Diante de Cristo, ou se adora com tudo aquilo que somos, incluindo nosso pecado, nossa incapacidade de nos abandonar completamente, de ter fé, de deixar nossos bens para Ele etc., ou vamos embora: "Ele entristeceu-se com essas palavras e foi-se todo abatido, porque possuía muitos bens" (Mc 10, 22).

Mas qual é a grande diferença entre o jovem rico e os Magos, ou Zaqueu, a Samaritana, ou os santos, como São Francisco de Assis, para dar apenas um exemplo significativo e paradigmático? Talvez uma capacidade? Talvez uma generosidade? Talvez a humildade, ou qualquer outra virtude? Se assim fosse, talvez ninguém teria sido capaz de seguir Jesus, a exceção de Maria Santíssima. Qual é a grande diferença entre os Magos e o jovem rico? Parece-me que a diferença essencial esteja entre alegria e tristeza. Encontrando Jesus, os magos encontram alegria, o jovem rico a tristeza. Ou melhor: o jovem rico, encontrando Jesus, não acolhe a alegria que os Magos encontraram Nele e, não acolhendo a alegria, o jovem ficou só com a tristeza.

Em que sentido? No sentido que dizíamos acima: que a alegria está ligada à descoberta de um tesouro. É Jesus quem fala de tesouro ao jovem rico, e não de um tesouro qualquer: "terás um tesouro no céu" (Mc 10,21). Os Magos conservaram a grandíssima alegria anunciada pela estrela, porque adoraram Jesus com todo o seu ser. Esses sábios orientais, ricos e poderosos o suficiente para se apresentarem ao rei Herodes, que se prostram para adorar um pobre Menino nos braços de sua mãe, com aquele gesto se entregam completamente a Ele, reconhecem-no como tesouro de suas vidas. O jovem, ao invés, não reconheceu Jesus como tesouro para si, pelo qual vale a pena perder tudo, e desprezando Jesus, no sentido literal: dando-lhe pouco "preço", pouco valor, perdeu a alegria que podia encontrar Nele, uma alegria grandíssima, grande até ao céu, como o tesouro.

Entender que a alegria está ligada ao tesouro, e que o único tesouro que garante a alegria é Cristo, é a coisa mais importante a reconhecer na vida e na vocação. Mas é um entender por experiência, por surpresa. Um entender no qual a própria alegria é prova. A alegria em nós, a verdadeira, mais do que um sentimento é um sentido. Assim como vemos a luz com a visão, como ouvimos os sons com a audição, como tocamos os objetos com o tato, como sentimos odores e mau odores com o olfato, e saboreamos os sabores com o paladar, assim a alegria é o sentido com o qual percebemos uma realidade misteriosa, mas real. Qual? A realidade do tesouro que vale mais do que tudo, que dá valor a tudo, que nunca perde valor, que nunca perde consistência, que é eterno. Precisamente: "um tesouro no Céu".

"Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração" (Mt 6, 19-21).

Eis que a nossa verdadeira alegria está lá onde o nosso coração está com o nosso verdadeiro tesouro, com o nosso tesouro incorruptível, eterno, que ninguém e nada nos pode tirar. A alegria é em nós o sentido do tesouro incorruptível, do tesouro inalienável, do tesouro inesgotável, eterno. Quando esse sentido não encontra ou não acolhe o dom do tesouro, é diminuído pela tristeza. É como ficar cego ou surdo, ou, melhor, é como ter a visão vivendo sempre no escuro, ou ter a audição vivendo com os ouvidos completamente obstruídos.